

Marcos Alberto Torres

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná.

Doutorando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

torresmarcos@hotmail.com

Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades

Resumo

Os sons, transmitidos por meio de propagações ondulatórias, são produzidos e reproduzidos de diferentes formas e maneiras, seja pela natureza ou pelos seres humanos. Pela natureza têm-se os sons dos ventos, das águas, dos animais. Pelos humanos têm-se os sons das falas, do trabalho, da música, dentre outros. Os seres humanos, dessa forma, organizam sons para comunicação e, mais recentemente na história da humanidade, encontraram a possibilidade técnica do acondicionamento dos sons, para a posterior reprodução em diferentes localidades, marcando uma nova fase nas paisagens sonoras do mundo. Seja pela fala, seja pela música, a humanidade comunica ideias e valores permeados pela cultura. As mais recentes propagações musicais, que se atrelam à linguagem audiovisual, marcam a paisagem dos lugares, que comunica, retrata, e possibilita a existência de distintas territorialidades no espaço. O presente artigo objetiva tecer relações entre a paisagem sonora e a construção de multiterritorialidades, a partir de exemplos de identidades criadas com base em movimentos e estilos musicais, seus territórios e territorialidades.

Palavras-chave: Paisagem sonora, música, território, territorialidade, multiterritorialidade.

Abstract

DRUMS, RADIOS AND VIDEO-CLIPS: ABOUT SOUNDSCAPES, TERRITORIES AND MULTITERRITORIALITIES

The sounds transmitted through vibrations in air are produced in different forms and ways, by nature or by human beings. Many sounds exist in the nature like

wind sounds, water sounds and animal sounds. The humans produced sounds like speech, work sounds, musics and others. Therefore, they can organize sounds to communicate and nowadays they found out the possibility of the keep sounds to reproduce it in differents places. The humanity communicate ideas and cultural values through the speech or music. The most recent spread musics that are related with audiovisual language showed the landscapes of places and it also communicate, reflect and gives rise distinct territorialities space. It research verifies the relations among soundscapes and construction of multiterritorialities, starting of examples of the identities, which are created considering movements, music styles and yours territories and territorialities.

Key-words: Soundscapes, music, territory, territoriality, multiterritoriality.

1. Sobre tambores e rádios: uma introdução aos sons e às territorialidades

Acredita-se que o taikô, instrumento musical de percussão em forma de tambor, tenha surgido por volta de dois mil anos atrás no Japão. Era considerado o símbolo da comunidade rural, destacado como uma forma de comunicação entre as comunidades. Dentre suas funções, conta-se que uma delas era a de demarcar o território, limitando-o de acordo com o espaço em que fosse audível o som dos tambores.

Na cultura africana e em suas vertentes, como a afro-brasileira, os tambores têm presença marcante na religiosidade. Os cultos envolvem os fiéis com as batidas dos tambores, não só demarcando o território do sagrado, mas também reafirmando identidades. A Igreja Católica também procurou cumprir sua demarcação no espaço sonoro por meio da instalação de sinos no alto das torres dos templos, que convidam os crentes às missas, anunciam as horas ou acontecimentos como festas ou funerais.

Os tambores e os sinos aqui citados são exemplos da demarcação de territórios dentro de comunidades tradicionais do passado. Todavia, persistem e cumprem uma função no mundo contemporâneo, dividindo o espaço – físico e sonoro – com outros territórios, territorialidades e outros sons e sonoridades, como os difundidos e multiplicados por aparelhos eletro-eletrônicos com alto-falantes. A difusão dos sons por meio dos meios de comunicação, contribuiu para a construção de outros territórios, como, por exemplo, os territórios nacionais.

No Brasil, o êxito da criação de uma identidade brasileira também está diretamente ligado à propagação sonora. Assim como os taikôs nas comunidades rurais tradicionais japonesas, o rádio cumpriu importante papel na ideia de integração nacional brasileira a partir do Estado Novo. Segundo Heidrich:

No período, a integração cultural também foi favorecida pela difusão radiofônica que, iniciada em 1922, apresenta seu auge nos anos 40. Com o rádio, em 1938, as músicas **Aquarela do Brasil** e **Asa Branca** tornaram-se populares. Por meio desse instrumento, também se difundiu com mais facilidade o discurso nacionalista. [...] Instituições de âmbito nacional, como as da esfera da assistência social, potencializam a integração, pois o popular, de diferentes regiões, passa a viver num universo sóciopolítico homogêneo (HEIDRICH, 2008a, p. 246).

A integração nacional e cultural brasileira significou, de maneira sintética, a fusão de identidades ora distantes e desconhecidas. Todavia, cada uma das identidades mantém suas origens, suas histórias e as de seus antepassados. No contato umas com as outras, novas histórias são construídas, e novos significados são atribuídos dentro do espaço de vivência de cada indivíduo. Assim, surgem múltiplas identidades que podem resultar em múltiplos territórios.

Os sons propagados pelos tambores, sinos e pelo rádio são exemplos de componentes da paisagem sonora, que comporta, além dos sons por eles propagados, outros elementos da linguagem comunicacional, essenciais à construção de territórios. Nesse sentido, o presente artigo tecerá relações entre a paisagem sonora e a construção de multiterritorialidades na contemporaneidade.

2. Da Paisagem ao Território

O conceito de paisagem é aplicado à Geografia para representar uma unidade do espaço, um lugar, remetendo às percepções que se tem sobre ele. Para Andreotti¹,

A paisagem geográfica é sumariamente o lugar, aquela porção da superfície terrestre, com todos os seus elementos naturais, alterada pelo homem por causa das suas atividades materiais, da sua necessidade política, da sua instância econômica, mas sobretudo é o lugar ou aquela porção da superfície terrestre onde o homem

deposita ou exprime a sua cultura, considerando cultura o seu modo de viver, a sua crença religiosa, a sua pulsão espiritual, os seus valores, os seus símbolos, elementos que, juntos, são uma ética e tornam-se estética peculiar dessa ou daquela etnia (ANDREOTTI, 2005, p. 17).

Cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, que podem ser experienciados por cada pessoa que nela se insira, ou abstraídos por aquele que a lê através de relatos e/ou imagens. Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram o espaço “saltam aos olhos” do ser humano, “gritam” aos seus ouvidos, e envolvem-no nas suas dimensões sensíveis.

Andreotti apresenta também o conceito de paisagem cultural, situando-a mais próxima de suas reflexões acerca do estudo da paisagem dentro de uma abordagem cultural na Geografia, que amplia as perspectivas trazidas até então por outros teóricos. Para a autora,

a paisagem cultural é, por sua vez, rara: contém alma. Por isso o passado não é mais passado porque, por via da integração psicológica, é sempre uma relação com o observador. Portanto, deve ser pensado – e esta é uma das inúmeras possibilidades de interpretação – como um fato íntimo, espiritual, psicológico (ANDREOTTI, 2005, p. 24).

Dessa forma, o conceito de paisagem que trazemos aqui pode ser entendido como unidade de apreensão de uma determinada porção do espaço, e sua descrição e análise estão carregadas dos significados que são atribuídos pelo seu observador. Nessa perspectiva, Andreotti cita Georg Simmel, para o qual “a paisagem existe só quando o observador é capaz de coletar os fenômenos que se estendem adiante dele em um particular tipo de unidade, cujo fundamento mais relevante é a ‘*stimmung*’ denominada atmosfera, entonação, essência” (ANDREOTTI, 2005, p. 54).

É na paisagem que o geógrafo encontra os primeiros materiais para questionar ou buscar compreender os lugares, as regiões e os territórios, entendidos como feições do espaço geográfico. Claval, ao citar Roger Brunet, afirma que a paisagem “só é paisagem quando percebida” (CLAVAL, 2004, p. 48). Entendendo que a percepção não se limita ao sentido da visão, o estudo da paisagem na Geografia deve ir além dos aspectos visuais, o que pressupõe considerar sua dimensão subjetiva.

A paisagem é um complexo de formas e de relações culturais. À Geografia cabe a busca da compreensão de cada paisagem, não apenas numa leitura estética, mas na busca de desvendar os significados dos lugares e dos territórios, além das relações neles e entre eles estabelecidas.

Os territórios, e suas implícitas territorialidades, expressará na paisagem suas marcas, seus contornos e significados. Para Andreotti (2005), é por meio da paisagem que o território manifesta-se:

O momento da paisagem é iluminante porque dá o desenho, o território e a cultura da comunidade que o criou, utiliza, etc. A paisagem é obra completa do relacionamento homem-território, homem-ambiente ou ainda da pesquisa geográfica, histórica, estética, arquitetônica e finalmente antropológica. Paisagem é um sistema superior, a filosofia do território (ANDREOTTI, 2005, p. 53).

Território, por sua vez, indica relações de poder exercidas em/sobre determinada porção do espaço. Segundo Claval (1999), “ele integra uma dimensão natural (a extensão-suporte), uma dimensão sociopolítica (os sistemas de controle ou de apropriação do qual ele é objeto) e uma dimensão cultural (a carga simbólica de que ele se reveste para os indivíduos ou grupos que nele capturam uma parte ou a totalidade de sua identidade)” (p. 79-80). Indica também limite e conteúdo (HEIDRICH, 2008b, p. 299), que podem ser entendidos na ótica material ou simbólica. Para Haesbaert,

desde a origem, território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo da terra-territorium quanto de téreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2008, p. 20).

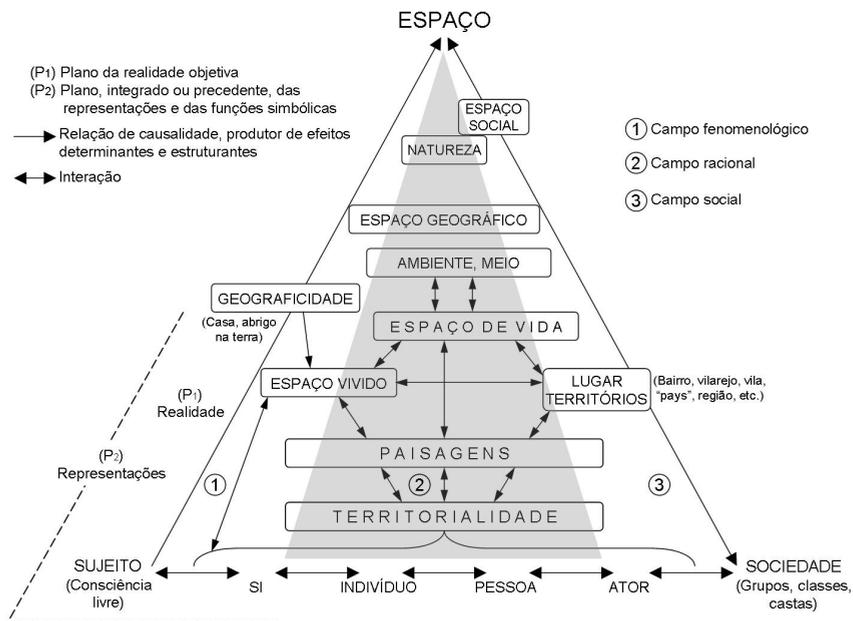
Nesse sentido, a relação de poder implícita no conceito de território está diretamente ligada à identidade do indivíduo que usufrui, no sentido material, da apropriação do espaço e seus objetos, e, no sentido simbólico, do pertencimento e da segurança que o território lhe proporciona. À expressão do território e da sociedade no indivíduo chamamos territorialidade.

Para Di Méo e Buléon (2005), é por meio do espaço de ação que os indivíduos – atores ou agentes sociais, como definem os autores em

questão – territorializam-se. Segundo eles: “[...] muitos atores e agentes sociais espacializam-se, ou melhor, territorializam-se, na medida em que a relação privilegiada (de designação, de apropriação, de qualificação) que mantém com seu espaço de ação o transforma em território” (DI MÉO; BULÉON, 2005, p. 31)².

O esquema a seguir, proposto por Di Méo e Buléon (2005), apresenta a construção das relações espaciais do homem e das sociedades, com os principais objetos, formas e conceitos geográficos que os produzem.

Figura 1
 RELAÇÕES ESPACIAIS (ESPAÇO – HOMEM – SOCIEDADE), CAMPOS, OBJETOS E FORMAS GEOGRÁFICAS: CONEXÕES E RECUPERAÇÕES (DI MÉO, BULÉON, 2005, P. 25)



No esquema acima, o espaço, existente no plano da realidade objetiva (P1) e das representações (P2), tem início no indivíduo com uma consciência de si, a partir do campo fenomenológico e suas experiências particulares, passando pela consciência de indivíduo, pessoa e ator, sendo este último mais próximo da esfera da sociedade organizada em grupos. Assim, o sujeito que parte de uma consciência de si, portador de uma identidade

individual, segue para a consciência da sociedade em que está inserido como ator – sujeito em ação – agora com identidade social. O caminho que percorre no espaço para tal consciência parte do campo fenomenológico, passa pelo campo racional, para então chegar no campo social, com seus lugares e territórios, feições do espaço social. Vale lembrar que sujeito e sociedade estão em constante interação, e isso refletirá na compreensão e apropriação do espaço por meio das territorialidades.

Todavia, para que haja a formação de grupos sociais e a interação entre sujeito e sociedade, é necessária a existência de uma linguagem ou de linguagens que permitam a comunicação entre as pessoas. Tais linguagens, exercidas em um determinado território, manifestam-se na paisagem de diferentes maneiras, desde, por exemplo, as vestimentas de um grupo de jovens que se territorializam em uma praça, e, informam/ comunicam “aos outros” que ali é o território de tais jovens, até as gírias por eles empregadas. No plano da paisagem sonora, a comunicação pode acontecer por meio da fala (línguas, dialetos, sotaques, gírias), ou ainda por meio das músicas.

3. A paisagem sonora e o território

A comunicação estabelecida pela fala encontra na paisagem sonora os primeiros elementos para a construção da linguagem, implicando em conteúdo e expressão. Para Cassirer (2001, p. 175), “ambos, o conteúdo e a expressão, somente se tornam o que são na sua interpenetração recíproca: a significação que adquire nesta correlação não se acrescenta apenas exteriormente ao seu ser, posto que é a significação que constitui esse ser”. Assim podemos aferir que a linguagem – um dos elementos que compõem o universo simbólico³ proposto por Cassirer –, está presente na paisagem sonora por meio da fala.

No pensamento cassireriano, o princípio da linguagem, assim como da arte, é a imitação, e sua principal função nesse quesito é mimética. “A linguagem é uma imitação de sons, a arte é uma imitação de coisas externas” (CASSIRER, 1994, p. 227). Contudo, Cassirer chama atenção para o

fato de que a linguagem e a arte oscilam constantemente entre dois pólos opostos: um objetivo e outro subjetivo.

Do mesmo modo que a fala, a música integra a paisagem sonora, e, enquanto expressão artística, também compõe o universo simbólico de um povo. Ao ser estudada, deve-se considerar, sobretudo, o aspecto subjetivo que esta possui, pois, conforme alerta Cassirer, a arte “não é nem uma imitação de coisas físicas, nem um simples transbordar de sentimentos poderosos. É uma interpretação da realidade – não através de conceitos, mas de intuições; por meio não do pensamento, mas das formas sensuais” (CASSIRER, 1994, p. 240). No campo musical essa afirmativa encontra a subjetividade presente em quem faz música e também no seu ouvinte. Ao passo que quando uma coletividade expressa um modo próprio de fazer e/ou apreciar a produção musical, ganha evidência o aspecto cultural da música, no qual as subjetividades encontram suas similitudes, passíveis de territorializarem-se no espaço.

A música, entendida como “o som culturalmente organizado pelo homem” (BLACKING, 1973 *apud* PINTO, 2001, p. 224), manifesta-se na paisagem sonora e nela encontra as bases sonoras para seu surgimento e sua perpetuação. Cassirer, após discorrer sobre a função mimética da arte, afirma que a música é uma imagem de coisas. Ao citar Aristóteles, para quem a imitação era mais do que a verdadeira natureza, pois comporta a espontaneidade do artista, Cassirer explica que “até o tocar flauta ou dançar não passa de uma imitação, pois o flautista ou o dançarino representam com seus ritmos o caráter dos homens, bem como o que eles fazem e sofrem” (CASSIRER, 1994, p. 227-228). A cultura, a paisagem, os territórios e os lugares concedem as bases para a construção musical, que em diferentes contextos assimilou os sons presentes no espaço, chegando, em certos casos, a alterar a forma de pensar e fazer música, conforme aponta Claire Guiu:

As primeiras composições da música descritiva, no século XIX, a integração do ‘ruído’ nas composições musicais, a partir dos anos 1920, e então a procura de uma estética do ouvir a paisagem sonora e a criação de músicas espaciais na década de 1960 (por John Cage, Pierre Schaffer e Murray Schafer) contribuiu para várias transformações no fazer musical, porque o espaço, o ambiente e o território se tornaram elementos inerentes no processo de compor música⁴ (GUIU, 2007, p. 03).

A música retrata a cultura e a memória do povo. É uma coleção de sons concebidos e produzidos por sucessivas operações de pessoas que ouvem bem (SCHAFER, 1991, p. 187), e, quando executada, integra-se à paisagem sonora tornando-se um de seus elementos. Ao referir-se ao trabalho do antropólogo Alan P. Merriam⁵, Pinto afirma que “o fazer musical é um comportamento aprendido, através do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na inter-relação entre indivíduo e grupo” (PINTO, 2001, p. 224). Compreende-se a música, portanto, como um elemento cultural, integrante da paisagem sonora e por ela transformada, ao passo que se apresenta também como um elemento territorial e territorializante, por sua característica comunicacional.

A capacidade de acondicionamento e reprodução dos sons, em qualquer lugar e a qualquer momento, já apontada por Schafer como condição básica à criação do que ele chamou de *esquizofonia* (SCHAFER, 2001), povoou o espaço sonoro com diferentes músicas e sonoridades, possibilitando aos diferentes sons e registros sonoros dos povos circularem pelo espaço na velocidade das tecnologias atuais.

A Revolução Industrial introduziu novos sons, com consequências drásticas para muitos dos sons naturais e humanos que eles tendiam a obscurecer; e esse desenvolvimento estendeu-se até uma segunda fase, quando a Revolução Elétrica acrescentou novos efeitos próprios e introduziu recursos para acondicionar sons e transmiti-los esquizofonicamente⁶ através do tempo e do espaço para viverem existências amplificadas ou multiplicadas (SCHAFER, 2001, p. 107).

Dessa forma, a música, forte influenciadora e propagadora de identidades, formadora de territorialidades, atrelada à indústria fonográfica e mais recentemente à indústria audiovisual, passou a influenciar um contingente maior de pessoas nas mais diversas partes do mundo, numa profusão de sons, culturas e territórios, com as mais diferentes paisagens, geralmente atreladas não só aos estilos musicais, mas também às ações dos grupos.

4. Profusão de sons e imagens: as multiterritorialidades

A música na contemporaneidade, propagada pelos mais diversos meios de comunicação como o rádio, a televisão e a internet, difunde

modos de pensar e agir por todo o globo, e encontra adeptos em diferentes partes do mundo. A arte mimética encontra adeptos a estilos musicais, sobretudo jovens, que, por vezes, associam a preferência musical a modos de vestir, pensar e agir.

São variados os elementos que permitem aos indivíduos manifestar o que são, porque se integram em tal ou tal comunidade e porque se opõem a tal ou tal outra: em sociedades onde as técnicas materiais variam de um ponto a outro, nada impede que tal ou tal característica do vestuário, do habitat ou do gênero de vida seja valorizado e se torne um símbolo. A língua (quer se trate de um dialeto ou de uma língua de cultura), a religião, as instituições políticas, igualmente contribuem para isso (CLAVAL, 1999, p. 89).

Um exemplo é o surgimento do movimento punk no Brasil na década de 1980, baseando-se no movimento que já ocorria na Europa e nos Estados Unidos desde a década de 1970, que chegou em solo brasileiro por meio da indústria fonográfica com os discos de vinil de bandas como Dead Kennedys e Sex Pistols, e traziam não apenas músicas com um ritmo mais acelerado e palavras de protesto, mas também um discurso contra o sistema por meio de um visual destoante aos padrões da época, como o corte de cabelo moicano (espetado e algumas vezes coloridos) e o uso de roupas velhas e jaquetas de couro com mensagens contra o consumismo. O movimento punk, que encontrou adeptos no Brasil, refez-se nessas terras sob as condições sócio-econômicas da época, possibilitando o surgimento de bandas como Detrito Federal, Cólera, Olho Seco, Inocentes, entre outras, que ajudaram a difundir entre os jovens daqui a música, o modo de vestir e o modo de pensar e agir.

Heidrich (2008b), ao citar Ledrut, afirma que “o espaço, que contém o meio técnico-científico-informacional, é o que modifica as conexões entre lugares e facilita a realização de fluxos. Essa condição altera profundamente a comunicação, um elemento importante na estruturação da comunidade” (p. 305). Por meio da difusão de estilos e modos de agir, propagados pelas mídias sonoras, impressas e “em tela”, novas territorialidades surgem, ora ditadas pela indústria, ora assumindo elementos da cultura local.

Trazer para a discussão o poder e a cultura é, neste momento, imprescindível porque do poder tem-se clara a instituição do que é tradicional, como o território estatal, por exemplo, mas sob a cultura, muito embora ela possa evidentemente sofrer influências, ser resultado de dinâmicas sociopolíticas, a diversidade de hoje tem

permitido surgirem dinâmicas concomitantemente integradoras e fragmentadoras (HEIDRICH, 2008a, p. 242).

De acordo com Claval (1999), “na concepção relacional da cultura, o indivíduo não a recebe como um conjunto já pronto: ele a constrói através das redes de contatos nas quais ele se acha inserido, e pelas quais recebe informações, códigos e sinais. A cultura na qual ele evolui é função das esferas de intercomunicação das quais ele participa” (p. 66). Atualmente, a profusão de sons e imagens contribui para o surgimento de multiterritorialidades. As práticas tradicionais, como os cultos das religiões afro-brasileiras e os sons dos sinos das igrejas católicas, somam-se a outros sons que também transmitem ideias e valores, estes difundidos pelas ondas do rádio, pelos canais de televisão especializados em música e cultura jovem como MTV e VH1, ou mesmo pelos canais cristãos como Canção Nova ou Rede Vida, e também pela internet, por meio de sites como Youtube e MySpace, dentre outros canais de difusão e comunicação, o que contribui para a criação das multiterritorialidades, fato tão comum nos dias atuais. As territorialidades, dessa forma, assumem características complexas.

Qualquer territorialidade que seja não se esgota na demarcação do espaço. Ela existe por aquilo que o poder deseja definir. A demarcação, embora um elemento fundamental da territorialidade, ganha sentido por meio da objetividade daquilo que se deseja e pelo que existe em seu interior. A interioridade contém a própria geografia: pode tratar-se de objetos, sistemas e seus funcionamentos, modos de vida e de cultura (HEIDRICH, 2008a, p. 242).

Tomemos como exemplo um jovem estudante aluno do ensino médio de uma escola qualquer numa cidade brasileira. Ele pode identificar-se com sua turma da escola, os integrantes da sala de aula que participa, até mesmo por ter o fator tempo, de um ano letivo, para que essa identificação aconteça, mas pode também identificar-se como emo⁷ por gostar do estilo de música e do modo de vestir, ouvindo bandas como NX Zero e Fresno. Para além dessas identificações, pode ainda identificar-se como cristão e brasileiro, pois nenhuma das identificações anula as demais. Dessa forma, por meio das redes de contato, pode ainda territorializar-se com diferentes grupos em diferentes porções do espaço, ou ainda desterritorializar-se e reterritorializar-se em outros espaços. Haesbaert (1999), nesse sentido, afirma que o processo de identificação no/com o território envolve novas

e antigas formas, que se somam nos dias atuais. Ao exemplificar essa afirmativa, o autor cita o caso das migrações:

A intensificação das migrações, por exemplo, leva ao mesmo tempo a uma proliferação de microespaços de identidade, segregados/segregadores, e a um entrecruzamento de traços culturais que produzem espaços híbridos, virtuais articuladores de novas identificações territoriais. Falamos “identificações” porque se tratam muito mais de processos do que de formas bem definidas, e muito mais de identidades plurais do que de identidades singulares. Neste sentido, o território pode veicular poderes simbólicos de múltiplas faces, ora reforçando a segregação, ora viabilizando uma dinâmica de convívio ou de ativação de múltiplas identidades (HAESBAERT, 1999, p. 187).

Os processos de identificação, sejam eles construídos por meio do contato direto entre os indivíduos, ou por meio das mídias, participam da construção das territorialidades de cada indivíduo. A paisagem sonora, nesse processo, contribui e reflete as territorialidades no plano da comunicação, ao passo que coloca os indivíduos em contato com informações, valores e saberes, por meio das falas, línguas, sotaques, gírias e músicas, difundidas por meio de shows, eventos e/ou cultos religiosos, rádios AMs e FMs, CDs, MP3, dentre outras formas e formatos. Somado a essa grande capacidade de perpetuação dos sons está também a difusão de imagens, que comunica para além das sonoridades, e transmite valores e ideias, dita modas, e propaga formas de pensar e agir, capazes de multiplicar as territorialidades nas diferentes partes do mundo.

5. Entre sons e sentidos: algumas considerações

O estudo do espaço, que busca em suas feições (paisagem, território, lugar, região) explicações para sua conformação, deve considerar a cultura como elemento de análise, uma vez que a formação e a organização do espaço pressupõem a organização de indivíduos que interagem e se relacionam entre si e com as coisas, o que implica em paisagens distintas, construção de lugares, e também nas territorialidades geradas entre os grupos.

Na história da humanidade, os registros da utilização de instrumentos sonoros para a demarcação de territórios, como tambores, sinos ou a trans-

missão por ondas de rádio, são indícios da relação entre som, território e cultura. Os territórios expressam-se na paisagem, a qual comporta as marcas da cultura. No campo da paisagem sonora encontram-se importantes elementos culturais, como a linguagem e a música, que se mesclam aos sons da natureza, configurando especificidades a cada lugar e/ou território.

A difusão dos sons é pressuposto para a construção musical e para a propagação de ideias por meio da arte musical. Os sons, transmitidos por meio de propagações ondulatórias capazes de serem captadas pelos ouvidos e transformadas em informações pelo cérebro de cada indivíduo (WISNIK, 1989), podem ser hoje acondicionados em diferentes aparelhos e com diferentes formatos, analógicos ou digitais, e reproduzidos em qualquer lugar do mundo em diferentes intensidades e frequências, o que possibilita a crescente “esquizofonia”. Os sons, organizados na forma de música e difundidos e propagados em diferentes tempos e lugares, carregam ideias e valores, capazes de comunicar, encontrar interlocutores, e assim influenciar e propagar identidades que demarcam seus territórios, mas que, na velocidade da comunicação, por meio dos tradicionais meios de propagação sonora que se somam aos mais atuais e tecnológicos, que carregam cada vez mais a característica de transmitir não apenas sons, mas também imagens em movimento, marcam uma geração que pode assumir várias identidades ao mesmo tempo, e expressar suas territorialidades em diferentes contextos e lugares.

Diante do exposto, fica evidente a relação existente entre a paisagem sonora e a construção das multiterritorialidades na contemporaneidade, o que assinala à ciência geográfica e às demais ciências humanas a emergência de um olhar que busque explicar as representações de uma geração dinâmica, que possui uma forma peculiar de relacionar-se no espaço, agindo nele e sobre ele.

Notas

¹ As citações de Andreotti são de tradução livre do autor.

² As citações de Di Méo e Buléon são de tradução livre do autor.

³ Para Cassirer, o homem é portador de um sistema simbólico, que é a capacidade de imagina-

ção e inteligência simbólicas. Segundo ele, o homem vive em um universo simbólico, sendo a linguagem, o mito, a arte e a religião partes desse universo (CASSIRER, 1994, p. 48).

⁴ Tradução livre do autor.

⁵ A referência é ao livro **The Anthropology of Music**, publicado em 1964 pela Northwestern University Press, considerado decisivo para a abordagem antropológica nos estudos da etnomusicologia.

⁶ O autor aqui faz referência à separação entre o som original e sua reprodução eletroacústica. Os sons originais são ligados aos mecanismos que os produzem. Os sons reproduzidos por meios eletroacústicos são cópias e podem ser reapresentados em outros tempos e lugares. Schafer emprega o termo “esquizofonia” para dramatizar o efeito aberrativo desse desenvolvimento do século XX.

⁷ Termo que indica bandas que tocam músicas no estilo denominado “hardcore emocional”, e adotam um “estilo emotivo” e vestem-se com roupas que mesclam o **retrô** dos anos 1980 com calçados coloridos, e cortes de cabelo, coloridos ou não, com franjas sobre os olhos.

Referências

ANDREOTTI, Giuliana. **Per una architettura del paesaggio**. Trento: Artimedia-Trentini, 2005.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROZENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. A paisagem dos geógrafos. In: ROZENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. **L'Espace Social**: une lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2005.

GUIU, Claire. Espaces sonores, lieux et territoires musicaux: les géographes à l'écoute. **Cafés Géographiques**, n. 1191, 16/11/2007. Disponível em: < http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=1191 > Acesso em: 21/05/2008.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROZENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz [et al.] (orgs.). **A emergência da multiterritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades enredadas: formação das territorialidades nacionais e regionais, e problemas decorrentes da integração socioespacial global. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz [et al.] (orgs.). **A emergência da multiterritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008a.

_____. Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EdUFBA, 2008b.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 222-226, 2001.

SCHAFER, R. Murray. **A afinção do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

_____. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Recebido em: 07/04/2011

Aceito em: 14/08/2011

